



Uma Tradução de Proust

Sergio Buarque de Holanda

A tradução portuguesa da segunda parte de *Em Busca do Tempo Perdido* (Marcel Proust, *A Sombra das Raparigas em Flor*. Tradução de Mário Quintana. Editora Globo. Porto Alegre, s.d.) seguindo de perto a publicação da tese do sr. Alvaro Lins sobre a técnica do romance em Marcel Proust, é mais um sintoma da vitalidade do interesse que vem despertando ultimamente, entre nós, uma das maiores criações novelísticas deste século e de todos os tempos.

E se a corajosa iniciativa editorial merece todos os aplausos, não menos louvável há de parecer o fato de ter sido incumbido da tradução, um poeta da altura de Mário Quintana. Pode-se pensar que a um romancista caberia melhor do que a um poeta o encargo de interpretar fielmente um grande romancista. Isto é esquecer, no entanto, que a arte de Proust escapa de tal maneira às medidas convencionais e às técnicas mais correntes da narrativa de ficção, que a experiência nela adquirida constituirá para o intérprete mais facilmente um estorvo do que um préstimo. E é ainda esquecer que no autor de *Em Busca do Tempo Perdido*, por paradoxal que pareça, a imaginação lírica é tão intensa, ou mais, do que a imaginação dramática e mesmo romanesca.

Creio que não vai grande exagero em dizer-se que os pontos mais altos da presente tradução coincidem quase sempre com esses momentos privilegiados, de maior ênfase lírica ou poética, na obra original. No restante, é impossível deixar de sentir, em muitos casos, que o tradutor se deixou arrastar pesadamente pelo dever de ofício, recusando-se ao mister de recriação, que exige, sem dúvida, uma afinidade íntima com a obra traduzida, mas que pede também um aturado esforço.

De modo que a extraordinária façanha de Mário Quintana nos deixa francamente aturdidos entre a admiração que justificam aqueles momentos felizes e a invencível irritação diante de certos malogros, nascidos, não de uma incapacidade fundamental do tradutor, mas de sua impaciência e talvez de seu desleixo. Na impressão de conjunto é mais do que provável que uns e outros, virtudes e erros, acabem confundindo-se ou compensando-se mutuamente, com vantagem segura para as virtudes. Mas a lembrança

de algum disparate ocasional não deixará de persistir, em todo caso, como uma cicatriz insanável.

As primeiras páginas, sobretudo, e quase até ao meio do volume, a marca da tradução é a todo instante visível. A lei do menor esforço parece aqui responsável, ora pelas transposições quase literais e mal elaboradas do texto, ora pelas transfigurações igualmente apressadas, e onde se irá empobrecer o timbre e o próprio sentido das palavras. "E que orgulhoso ia eu pelo Jardim da Aclimação...", lê-se à página 90, e o "que j'étais fier..." do original ressoará imediatamente aos ouvidos do leitor de Proust. Logo adiante, quando se fala, a propósito de Bergotte, no "suave Cantor de cabelos brancos", a maiúscula de "Cantor" parecerá um expediente bastante simplório e canhestro para exprimir a referência ao "doux chanfre".

Só aos poucos o esforço de traduzir parece dominado por esse dom de dissimular toda marca de esforço, que é em realidade o toque das boas traduções. Então o sr. Mário Quintana oferece-nos, enfim, algumas páginas verdadeiramente admiráveis.

E agora não aparecem apenas aqueles instantes poéticos fugi-



tivos e privilegiados, que poderiam acordar no tradutor uma sensibilidade afim. A arte meticulosa e consumada com que, através da narração, o vulto, o próprio nome de Albertina, se vão insinuando num progresso lento, até ao ponto em que, na cêna do dique de Balbec, a personagem se aproxima, confundida de início naquela manchinha fluida, coletiva, móvel, que interrompe a linha do horizonte, para depois emergir, mais nítida, da pequena tribo das raparigas em flor,

é transposta com exemplar pericia.

MAS como esquecer, depois disso, certas atrocidades que o simples desleixo não bastaria para explicar? A passagem, por exemplo, à página 91, onde a palavra "nièce" se converte estranhamente em "neta", de forma que a princesa Matilde Bonaparte surge transformada em "neta" de Napoleão, bem vale aquela outra do primeiro volume, onde a expressão "baignoire", com o significado de "camarote", é interpretada de tal modo, que nos leva a surpreender a senhora duquesa de Guermentes saindo do banheiro em pleno espetáculo da Ópera. Esse caso, ao menos, da princesa Matilde (e a curiosa interpretação irá ressurgir à página 92, quando se diz que ela continuava sendo, no fundo, neta de Napoleão) sugere um pouco o curioso exercício das chamadas "traduções fonéticas", que de certa canção parisiense, onde aparecem as palavras "d'ou je conclus", fêz brotar, não há muito, um autêntico personagem — Gil Goncourt — companheiro incansável de uns poetas fantasistas comandados por Sérgio Milliet.

Outros descuidos, e mais do que descuidos, do sr. Mário Quintana, poderiam ser desculpados com a alegação de que o próprio Proust, segundo muitos dos seus críticos, não pertence aos autores que primam pela excessiva precisão vo-

de Janeiro, Domingo

na tradução...

ular e pelo zelo na composição de sua obra. Seria uma deslocação semelhante à que utilizara o tilho para justificar certas liberdades tomadas em sua tradução do Fausto (na parte onde, referindo-se a Adão e Eva, lhes chama, respectivamente, Adão de Adão e Eva da Costa), quando elou para as numerosas "extraliberdades" do original.

CONTUDO a idéia de um Proust descuidado na linguagem ou na composição já hoje não se sustenta seriamente. Suas frases termináveis — tão em desacordo com a boa tradição da prosa francesa — seus longos parênteses, que os tipógrafos, não raro, esqueciam de fechar, tudo isso respondia a uma concepção novelística bastante nítida e longamente amadurecida. A publicação recente de trechos de uma versão primitiva deste livro, do tempo em que o "je" ou o "Marcel" ainda era Jean Santeuil e em que Alberte Swann se chamava Mario

Lesclapart, mostra-o bem mais certo daquele tipo tradicional de romance "bem escrito", que em a obra mestra se busca superar. Quanto à composição, a leitura completa de *Em Busca do Tempo Perdido* mostra-nos a que ponto ele tivera razão em sua resposta a Sondag e em tantas das cartas, ao dizer que, contrariando, embora, as formas usuais, a não era frouxa ou desleixada.

Nada disso se opõe ao que acima foi dito sobre a importância mesmo a primazia, nessa obra, de uma imaginação poética atenta à magia de certos momentos únicos que, por isso mesmo, devem ajustar-se mal ao painel amplo e naturalmente organizado de um romance. Esse fato remete-nos à consideração do problema da técnica no romance de Proust, que abordarei talvez em outra ocasião, quando comentar a tese do sr. Alvaro Lins sobre o assunto.

Há, no entanto, um dos aspectos desse problema, que surge com grande nitidez à leitura de *Sombra das Raparigas em Flor*, que, melhor do que em outras artes da obra de Proust, mostra-se o papel predominante ocupado em nossas vidas pelo Hábito, "que enfraquece, mas estabiliza, traz a desagregação, mas fá-la durar indefinidamente" (pg. 172). É em geral com o ser reduzido ao mínimo que nós costumamos viver, escreve Proust (pg. 182). E logo acrescenta: "a maioria das nossas faculdades permanecem adormecidas, porque descansam no hábito, que sabe o que cumpre fazer e não precisa delas". Esse poder moderador do hábito reduz nossas lembranças a uma imagem abstrata, evanescente, insossa, espécie de média geral de coisas diferentes, que outrora nos encantaram, e escondem-nos continuamente a consciência de que "a felicidade e a beleza são individuais". De modo que as nossas melhores recordações de uma criatura prendem-se justamente ao que, insignificante, por isso esquecido a princípio, pode escapar à ação do hábito, e aflorando de repente à memória, sobressai da planície geral com sua força ainda intacta.

ESSES momentos únicos, "poéticos", afirmam-se justamente à custa do hábito e de sua irmã gêmea, a inteligência. Dos "raros momentos em que se via a natureza tal como é, poeticamente, desses momentos é que era composta a obra de Elstir", escreve o narrador (pg. 327). O esforço do grande artista para "despojar-se, em presença da realidade, de todas as noções da inteligência" parece-lhe tanto mais admirável quanto "esse homem — que antes de pintar se tornava ignorante, esquecia-se de tudo por proibição, pois o que se sabe não é da gente — possuía uma inteligência excepcionalmente cultivada".

Os que discerniam em palavras tais como essas, um motivo para filiar a obra de Proust ao pensamento de Bergson inspiraram-se

em uma aproximação enganadora e falsa. A diferença, em verdade radical, que os separa, foi magistralmente acentuada nos recentes estudos "sobre o tempo humano" de Georges Poulet.

Na obra de Proust, a duração não representa, como em Bergson, uma "continua melodia", mas, sim, uma pluralidade de momentos distintos e distantes uns dos outros. No bergsonismo, a busca do tempo perdido é como um suave e lento deslizar-se para o passado. Em Proust é uma penosa demanda, só ocasionalmente satisfeita. A memória é esse nada, "de onde, por instantes, uma similitude nos permite retirar, ressuscitadas, as lembranças mortas".

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.